

O CINEMA UTILIZADO COMO INSTRUMENTO DE DENÚNCIA POLÍTICA: Uma análise de África 50.¹

Helom Paulino Ferreira²
Universidade Federal de Juiz de Fora/MG

RESUMO

O presente trabalho objetiva por meio da análise do filme África 50 (1950) de Renè Vautier, trazer uma reflexão sobre o poder do cinema como instrumento ensejador de mudanças políticas, jurídicas e sociais. Pretendemos atravessar o contexto histórico e social, dentro do qual o filme foi produzido, para então discutirmos a forma fílmica e as opções estéticas escolhidas pelo realizador. Buscando assim, um raciocínio sobre o cinema engajado, seu poder de denúncia e combate ao imperialismo.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema engajado; imperialismo; cinema militante; análise fílmica; política.

CORPO DO TEXTO

INTRODUÇÃO.

O cinema ao contrário do que se possa imaginar, não serve somente como um instrumento de deleite. Dentro de determinadas situações sociais, a arte cinematográfica pode servir como uma arma que, dependendo como for utilizada, vai ratificar um papel de exploração ou denunciar uma situação insustentável pela qual determinadas pessoas estão submetidas. Em vários momentos históricos, foi possível observar a utilização da arte como um meio de dominação cultural.

No ano de 1949 o cineasta francês Renè Vautier, então com 21 anos de idade, foi enviado pelo governo francês para o continente africano, com a missão de gravar um documentário que demonstrasse o avanço que a França estava trazendo para a sua colônia africana. Ao se deparar com a situação de exploração que o povo vivia, bem como, com

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Memórias e identidades nas audiovisualidades evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Bacharel em Rádio, TV e Internet e em Direito, Mestrando em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Bolsista CAPES, e-mail: helompaulino@msn.com

os crimes bárbaros que eram cometidos por parte do governo francês naquele continente, o cineasta decidiu romper suas relações com a delegação que foi gravar o filme e fazer um documentário que denunciasse a situação.

Vautier utilizou uma forma fílmica inovadora. Por meio de sua coragem em denunciar, aliada a elementos audiovisuais diversos, conseguiu expor a situação que o povo africano vivia. Utilizou, dessa maneira, o audiovisual como um elemento possibilitador de transpor barreiras e de levar a informação para um número indeterminado de pessoas. Deu visibilidade a uma situação que caso não fosse objeto de seu documentário, provavelmente entraria no esquecimento. O gesto de Vautier nos traz várias reflexões, tais quais: as opções formais utilizadas dentro das audiovisualidades, a responsabilidade do realizador ao produzir uma obra, a análise por parte do mesmo do momento histórico em que está inserido e, até mesmo, a necessidade de utilizar o audiovisual como um instrumento de resposta.

Pretendemos nesse trabalho trazer uma discussão sobre a forma fílmica utilizada por Vautier, analisando de maneira minuciosa suas opções técnicas, sem deixar de lado o contexto político inerente à obra. Aliados sempre com uma discussão sobre o momento histórico, o qual é de suma importância para que entendamos as escolhas, pessoais e formais, do realizador. Ao passarmos pelo momento histórico, naturalmente na pesquisa certos temas merecerão nossa atenção, como por exemplo, imperialismo, racismo, colonialismo, ancestralidade e decolonialismo.

A escolha de África 50 (1950) reside em seu caráter inovador para a época e em ter sido um marco no chamado cinema engajado. Almejamos que por meio da análise desse filme, possamos refletir sobre o poder do cinema como um instrumento de denúncia, e como as escolhas formais de um audiovisual militante podem ensejar mudanças sociais e políticas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.

Antes de adentrar na produção cinematográfica e em seus detalhes formais, é importante entender o contexto histórico dentro do qual o filme foi realizado. Para isso utilizaremos os ensinamentos do professor queniano Ali A. Mazrui (2010), que vai nos explicar que a África Ocidental Francesa (AOF), local onde a película foi gravada, se

tratava de uma imensa área onde hoje estão países como Costa do Marfim, Níger, Mauritânia, dentre outros. Essa área era dominada política, cultural e economicamente pela França. Os principais cargos políticos estavam nas mãos de membros do governo francês que exploravam os habitantes daquele local. Situações degradantes de trabalho, extorsões e mortes eram comuns e perpetrados pelo próprio estado francês.

René Vautier, como bem explica Marcelo Ribeiro (2019), era um aplicado aluno do *Institut des Hautes Études Cinématographiques*³ uma renomada escola de estudos cinematográficos. Devido ao seu destaque como aluno foi selecionado pelo governo francês para uma “missão civilizadora”, deveria então ir à África e produzir um filme mostrando os avanços que a França levava ao continente africano, sobretudo em termos educacionais. Esse seria um filme que enalteceria o colonialismo.

Vautier ao chegar a África e se deparar com a realidade, decide por não gravar o filme que lhe fora incumbido, começa então a produzir um documentário mostrando a verdadeira situação que a África estava passando. Narra em tom de denúncia situações reais de exploração e crimes, os quais, cidadãos africanos foram vítimas. Produz *África 50* (1950), uma película de 17 minutos. O filme foi tão curto porque muitos dos registros de Vautier foram apreendidos e depois destruídos. O cineasta já em solo africano foi perseguido e quando chegou na França ficou por cerca de 1 ano preso. Fatos que nos levam a refletir sobre a força do cinema e seu poder de denúncia e de carregar a contrainformação.

George Didi-Huberman (2012, p.171) faz uma importante reflexão sobre esse papel das artes. O autor destaca que as imagens são anacrônicas e podem “mostrar aquilo que não podemos ver”, nos parece que esse foi um dos papéis da produção de Vautier. Em meio aos anos 1950 não havia a efervescência de informações que existe hoje, e muitos franceses realmente acreditavam que a França fazia o bem para a África. O colonialismo em diversas passagens históricas utilizou das artes para ratificar seu poder e continuar com a exploração. O cinema se mostra importante nesses momentos, porque se colocado em mãos certas, pode servir como uma arma de denúncia e de resposta.

Nesse diapasão surge o que vai ser chamado de cinema engajado ou cinema militante, esse cinema como bem explica Nicole Brenez (2012) vai se dar quando pessoas produzem uma arte cinematográfica combativa, com desejo de resposta ao imperialismo

³ Instituto de Altos Estudos Cinematográficos, com sede em Paris, França.

e a hegemonia. Se trata de um exercício de contrainformação. Observemos que os meios de comunicação hegemônicos vão ratificar um discurso que seja benéfico ao explorador, esse inclusive será detentor dos meios que irão produzir os referidos discursos. Se faz necessário nesse cenário que a voz seja dada ao explorado, que o mesmo tenha a possibilidade de resposta e de produzir contrainformação.

Brenez (2006) vai destacar também sobre a dificuldade que é encontrada por cineastas ao produzir um cinema engajado, a necessidade de se comunicar com o espectador e que uma ideologia seja passada ao mesmo. Para a autora a forma do filme pode ser uma aliada do realizador, pois irá ao encontro da intervenção social que se almeja.

Para elucidar questões atinentes ao colonialismo dentro das artes cinematográficas, se faz importante uma reflexão sobre as ideias de Ella Shohat e Robert Stam (2006). Os autores falam sobre o eurocentrismo presente nas práticas cinematográficas e na mitigação de qualquer que seja outro discurso. Explicam que o colonialismo não se dá somente no controle de recursos, mas sim em uma colonização que será também cultural. Como já fora dito, Renè Vautier foi escalado para produzir um filme que enaltecesse o colonialismo.

Reunindo as ideias acima explanadas e outras que surgirão no decorrer da pesquisa, pretendemos discutir por meio da análise fílmica, aspectos que nos levem a entender a importância do audiovisual na formação do pensamento social e político. O filme objeto dessa análise fora utilizada como forma de resposta ao imperialismo, mas podemos destacar inúmeras outras produções que são utilizadas como uma forma de enaltecer o discurso e as práticas colonialistas. Não se trata de um trabalho pura e simplesmente de crítica ao cinema hegemônico, mas sim de um trabalho que deseja discutir a força do cinema engajado, frente a uma realidade política e social de exploração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A arte cinematográfica durante anos foi utilizada como um instrumento para legitimar o discurso hegemônico. Há por parte das grandes potências imperialistas uma forte produção cinematográfica que leva para a tela informações com interesses escusos. Afinal, a manutenção do *status quo* é um interesse do explorador. Em contrapartida a

isso, o cinema também pode ser produzido de forma militante, fora das grandes corporações e servindo como resposta ao imperialismo.

O principal ponto de nosso estudo é uma análise sobre o audiovisual militante e sua utilização como instrumento de mudança política, jurídica e social. Desejamos por meio de nossas discussões entender o movimento de contrapartida: O cinema quando é utilizado contrariando o discurso hegemônico; a técnica cinematográfica sendo utilizada para passar uma mensagem de denúncia; o despertar que pode haver no espectador atento que ao se deparar com certas informações irá confrontar o mundo o qual está inserido.

Perpassando pelo momento histórico e pelo contexto social, pretendemos por meio da análise fílmica, raciocinar sobre as opções formais utilizadas e como a arte cinematográfica aliada à suas técnicas pode ser um instrumento possibilitador de resposta e de mudança. Desejamos com isso, rememorar aqueles que fizeram a diferença no passado, e também, inspirar pesquisadores e realizadores para um ambiente propenso a novas produções e discussões no campo do cinema engajado.

REFERÊNCIAS

BAZIN, André. **O que é cinema?**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

BRENEZ, Nicole. **René Vautier: devoirs, droits et passion des images**. In *La Furia Umana*, n.14, 2012.

BRENEZ, Nicole. História das formas, 1960 – 2000. In: **Recine, Revista do Festival Internacional de Cinema de Arquivo**. Rio de Janeiro, Ano 3, nº 3, p. 36-57, dez 2006.

BRENEZ, Nicole. Por uma história do cinema insubordinada (ou rebelde). **Revista ECO PÓS**. V. 19 n.2. jun. 2016.

DID-HUBERMAN, G. **Imagens apesar de tudo**. Lisboa: KKYM, 2012.

LEANDRO, A. Montagem e história. Uma arqueologia das imagens da repressão. In: **Anais da Compós – XXIV Encontro da Associação Nacional dos Programas de PósGraduação em Comunicação**, Brasília, DF: UnB, 2015. Disponível em: [https:// bit.ly/2EjlljR](https://bit.ly/2EjlljR). Acesso em: 10 abr. 2024.

MAZRUI, A. A. e WONDJI, Christophe. **História Geral da África VIII**. Brasília: UNESCO, 2010.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Traduzido por Mônica Saddy Martins. Editora, Papyrus, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **A estética como política**. Devires, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 14-36, jul./dez. 2010.

RIBEIRO, Marcelo. **Avoir 20 ans dans les Aurès**. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://incinerrante.com/textos/avoir-20-ans-dans-les-ares/#fn2-331> . Acesso em: 15 de abr. de 2024.

RIBEIRO, Marcelo. Autorias rasuradas em "Afrique 50": para uma economia política das assinaturas. **Esferas**, 1(26), 243-268. <https://doi.org/10.31501/esf.v1i26.14249>. Acesso em: 10 de abr. de 2024

SANTOS, Wolney Nascimento. **Corpo Negro: Teirrótio, memória e cinema**. Tese (mestrado em Cinema e Narrativas Sociais) - Faculdade de Cinema da Universidade Federal de Sergipe. São Cristovão, 2018.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

STAM, Robert. **Introdução à Teoria do Cinema**. Tradução: Fernando Mascarello. Campinas, SP. Papirus, 2003.